

O SÉCULO XX: JACQUES DERRIDA¹

Richard Popkin e Avrum Stroll²

Tradução:
Brendow Gabriel,
Bruno Pfeil,
Cello Latini Pfeil,
Pâmela Bueno Costa e
Quésia Olanda

Revisão:
Rafael Haddock-Lobo

JACQUES DERRIDA (1930-)

Vida

Nosso quarto pensador contemporâneo, Jacques Derrida, é um cético radical. Mas ao contrário de todos os céticos modernos que examinamos neste trabalho, seus antecedentes não vêm da tradição Cartesiana. Na verdade, como Wittgenstein, ele é um anti-Cartesiano. Suas raízes intelectuais são encontradas nas tradições alemãs e austríacas de G. W. F. Hegel, Martin Heidegger e Edmund Husserl. Estes filósofos, como Moore e Wittgenstein, são anti-céticos. Embora sua terminologia filosófica exiba ressonâncias deles, suas opiniões estão em forte oposição ao tipo de “dogmatismo” que eles defendem. Mas o ataque de Derrida ao dogmatismo é ainda mais amplo. Ele ataca alguns dos mais fortes defensores da certeza na tradição Anglo-Americana, entre eles: Wittgenstein, Austin e John Seattle.

Derrida nasceu na Argélia em uma família judaica, mas passou a maior parte de sua vida na França. Ele é, sem dúvida – e em um interessante sentido –, a figura mais controversa que discutimos neste livro. Ao contrário de Russell, que gerou oposições públicas às suas opiniões políticas, mas cujas credenciais filosóficas nunca foram contestadas, mesmo

1 Esta é uma tradução da seção “Jacques Derrida” do livro *Skeptical Philosophy for Everyone* (Filosofia Cética para Todos), no capítulo *The Twentieth Century* (Século XX) da referida obra, da página 133 a 143.

2 POPKIN, Richard; STROLL, Avrum. *The Twentieth Century*. In: POPKIN, Richard; STROLL, Avrum. *Skeptical Philosophy for Everyone*. New York: Prometheus Books, 2002, p. 133-143.

por aqueles que discordam de suas várias doutrinas, Derrida é totalmente desconhecido pelo público em geral. A controvérsia e a oposição a ele vêm inteiramente de dentro da comunidade acadêmica. Em parte, mas em menor grau, a oposição é daqueles que afirmam que ele não é um filósofo e que, apesar de sua afirmação de ser um, seu trabalho/sua obra pertence à literatura ou aos estudos de cinema ou sociologia e não à filosofia. Mas uma oposição ainda mais séria, também gerada dentro comunidade acadêmica filosófica, desafia a qualidade do seu próprio trabalho. Aqui a alegação é que este trabalho é pobre, e de fato que Derrida pode ser muito bem um charlatão, uma farsa fingindo ser um intelectual. Em 1992, Derrida foi candidato a receber um diploma honorário da Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Esta proposta foi recebida com alarme por um grupo distinto de filósofos que geram oposição substancial à ideia. Além de contar com os colegas em Cambridge, eles expressaram suas reservas na imprensa. Aqui citada textualmente é a carta que eles escreveram para o *London Times* e que foi impressa em 9 de maio de 1992, na edição deste jornal:

Senhor, a Universidade de Cambridge vai votar no dia 16 de Maio sobre se M Jacques Derrida deve ser autorizado a avançar para receber um grau honorário. Como filósofos e outros que têm tomado um interesse acadêmico e profissional na carreira notável de M Derrida ao longo dos anos, nós acreditamos que o seguinte pode lançar alguma luz necessária sobre o debate público que surgiu sobre esta questão.

M Derrida descreve-se como um filósofo, e seus escritos realmente carregam algumas das marcas dos escritos nessa disciplina. Sua influência, no entanto, tem sido em um grau impressionante quase inteiramente em campos fora da filosofia, em departamentos de estudos cinematográficos, por exemplo, ou da literatura francesa e inglesa.

Aos olhos dos filósofos, e certamente entre aqueles que trabalham nos principais departamentos de filosofia em todo o mundo, o trabalho de M Derrida não atende aos padrões aceitos de clareza e rigor.

Nós apresentamos que, se os trabalhos de um físico (digamos) fossem similarmente considerados de mérito principalmente por aqueles que trabalham em outras disciplinas, isso seria em si mesmo suficiente para lançar dúvidas sobre a ideia de que o físico em questão era um candidato adequado para um grau honorário. A carreira de M Derrida teve suas raízes nos dias inebriantes dos anos 60, e seus escritos continuam a revelar suas origens naquele período. Muitos deles parecem consistir em grande parte de piadas elaboradas e trocadilhos (“falos lógicos” e similares) e M Derrida nos parece ter chegado perto de fazer uma carreira fora do que consideramos como traduzindo para a esfera acadêmica truques e truques similares aos dos dadaístas ou dos poetas concretos.

Certamente ele tem mostrado considerável originalidade a este respeito. Mas, novamente, apresentamos que tal originalidade não dá crédito à ideia de que M Derrida é um candida-

to adequado para um grau honorário.

Muitos filósofos franceses vêem em M Derrida apenas causa de constrangimento silencioso, suas travessuras tendo contribuído significativamente para a impressão de que a filosofia francesa contemporânea é pouco mais do que um objeto de ridículo.

Os volumosos escritos de M Derrida, a nosso ver, estendem as formas normais de erudição acadêmica além do reconhecimento. Acima de tudo, como todo leitor pode facilmente estabelecer para si mesmo (e para esse propósito que qualquer página fará) suas obras empregam um estilo escrito que desafia a compreensão.

Muitos têm estado dispostos a dar a M Derrida o benefício da dúvida, insistindo que a linguagem de tal profundidade e dificuldade de interpretação deve esconder pensamentos profundos e sutis de fato. Quando o esforço é feito para penetrá-lo, no entanto, torna-se claro, pelo menos para nós, que, onde afirmações coerentes estão sendo feitas, estas são falsas ou triviais.

O status acadêmico baseado no que nos parece ser pouco mais do que ataques semi-inteligíveis aos valores da razão, da verdade e da erudição não é, nós submetemos, base suficiente para a concessão de um diploma honorário em uma universidade distinta.

Atenciosamente,

BARRY SMITH (Editor, *The Monist*); HANS ALBERT (Universidade de

Mannheim); DAVID ARMSTRONG (Sydney); RUTH BARCAN

MARCUS (Yale); KEITH CAMPBELL (Sydney); RICHARD GLAUSER

(Neuchatel); RUDOLF HALLER (Graz); MASSIMO MUGNAI (Florence); KEVIN MULLIGAN (Geneva); LORENZO PENA (Madrid);

WILLARD VAN ORMAN QUINE (Harvard); WOLFGANG ILMER (Innsbruck); EDMUND Runggaldier (Innsbruck); KARL SCHUH-MANN (Utrecht); DANIEL SCHULTHESS (Neuchatel); PETER SIMONS (Salzburg); RENE THOM (Burs-sur-Yvette); DALLAS

WILLARD (Los Angeles); JANWOLENSKI (Cracow).

A opinião expressa na carta ao *Times* não é compartilhada universalmente, mesmo por filósofos. Newton Garver, um eminente filósofo e crítico judicioso, diz o seguinte sobre Derrida:

Os três livros publicados em 1967 foram um sucesso imediato e ainda são lidos hoje. Derrida desde então tem publicado em um ritmo impressionante: a bibliografia em Wood 1992 lista 34 livros e 269 “textos.” As obras, na medida em que as examinamos, não são geralmente repetitivas; pelo contrário, os novos ensaios discutem diferentes textos, são constantemente interessantes e mantêm uma engenhosidade estilística que, apesar

da obscuridade e do exagero ocasionais, faz de Derrida um dos estilistas distintivos da língua francesa. Pode-se apenas maravilhar com a produtividade surpreendente. Embora o trabalho de Derrida seja difícil de classificar, é amplamente considerado filosófico; além disso, sua formação de pós-graduação foi em filosofia e muitos dos textos que ele «desconstrói» pertencem inequivocamente ao corpus tradicional da filosofia. No entanto, os filósofos permaneceram em grande parte distantes.³

Quando Garver comenta que “os filósofos permaneceram em grande parte distantes”, ele está se referindo ao fato de que na filosofia analítica contemporânea muito pouco crédito ou mesmo atenção é dado ao trabalho de Derrida. É principalmente na literatura, nos estudos fílmicos e na sociologia que seu trabalho é, como diz um escritor, “levado a sério”. No entanto, um ilustre filósofo da linguagem, A. P. Martinich, que é principalmente crítico da obra de Derrida, todavia considera alguns de seus aspectos semelhantes aos tipos de análise próprios da filosofia analítica.

Como ele diz:

“Ele pretende mostrar que propriedades supostamente diferenciadoras de um termo da dicotomia também são propriedades do outro termo. A este respeito, o desconstrucionismo de Derrida é semelhante a alguns dos trabalhos de W. V. Quine. Em “Dois Dogmas do Empirismo”, Quine desconstruiu a distinção analítica / sintética, mostrando que cada um repousa sobre a distinção dos empiristas entre fato e significado e que essa distinção é insustentável. Em outras obras, ele desconstruiu a distinção entre filosofia e ciência. Quine e Derrida são semelhantes em que suas técnicas desconstrutivas se baseiam em críticas internas de conceitos técnicos...”⁴

Uma crítica literária, Barbara Johnson, postula que Derrida teve um “tremendo impacto no pensamento teórico contemporâneo”.

Por que Derrida recebeu tantas avaliações diferentes? Vamos sugerir algumas respostas. Estas também prepararão o cenário para uma discussão sobre seu ceticismo.

“A filosofia de Derrida”

Como há uma discordância tão profunda sobre se Derrida é realmente um filósofo, colocamos o termo “filosofia de Derrida” entre aspas no início desta seção. Isto deixa o debate aberto, mas, ao mesmo tempo, nos permitirá descrever os pontos de vista que ele defende e que representam formas radicais de ceticismo. Como o ceticismo é geralmente

3 Newton Garver and S. C. Lee, *Derrida and Wittgenstein* (Philadelphia: Temple University Press, 1994), pp. 173-74.

4 A. P. Martinich, “Analytic Phenomenological Deconstruction” in *Certainty and Surface in Epistemology and Philosophical Method*, ed. A. R. Martinich and Michael James Denham White (Lewiston, N.Y.: Edwin Mellen Press, 1991), pp. 171-78.

aceito como uma filosofia, daqui em diante falaremos da filosofia de Derrida sem aspas. Devemos começar com três características do trabalho de Derrida que o diferenciam da filosofia analítica convencional.

A primeira é que Derrida é basicamente um crítico textual, enquanto a maioria dos filósofos analíticos está preocupada com problemas, como o Problema do Mundo Externo, o Problema das Outras Mentes, o Problema do Mal, o Problema do Livre Arbítrio. Eles estão menos interessados nos textos que discutem estes problemas, como os Diálogos de Hume ou as Meditações de Descartes, e assim por diante.

Ao dizer isto, não estamos sugerindo que estes textos não tenham interesse algum; ao contrário, o interesse por eles está subordinado aos problemas que evocam. Com Derrida, é o texto em si que conta. É a ele que seu método desconstrutivo se aplica primariamente. A visão de Derrida de que o texto é fundamental é capturada por uma de suas frases mais famosas e paradoxais – “*Não há fora-de-texto*”.⁵

Uma segunda característica da escrita de Derrida é que ela praticamente não contém argumentos; ou, ainda pior, se há argumentos, eles estão disfarçados por seu estilo literário convoluto, trocadilhista e impenetrável. Para filósofos analíticos, o argumento é a essência da filosofia. O uso de argumentos é considerado praticamente idêntico à própria racionalidade. A argumentação consiste em apresentar razões em apoio a uma determinada conclusão; nesse caso, a pessoa está agindo conforme os cânones da racionalidade. Mas Derrida não “filosofa” dessa maneira. Pode-se considerar como sua marca a noção de que não há nada fora do texto. O senso comum e a maioria dos filósofos diriam que, se o texto for uma obra de ficção, essa noção pode ser verdade; contudo, se é uma obra histórica ou uma autobiografia, então não é verdade. O texto da História da Guerra do Peloponeso, de Tucídides, por exemplo, é um documento escrito na língua grega e, como tal, deve ser diferenciado dos eventos sobre os quais o autor estava falando, ou seja, uma guerra travada entre Atenas e Esparta no século V a.C. Dizer que não há nada fora do texto sugere que essa guerra nunca aconteceu, o que é absurdo. Portanto, deve-se esperar algum tipo de justificativa para a observação de que não há nada fora do texto. Mas, em vez de apresentar um argumento em apoio a essa afirmação, eis o que Derrida diz sobre as Confissões de Rousseau:

“*Não há fora-de-texto*. E isto não porque a vida de Jean-Jacques não nos interesse antes de mais nada, nem a existência de Mamãe ou de Thérèse elas mesmas, nem porque não tenhamos acesso à sua existência dita “real” a não ser no *texto* e porque não tenhamos

5 Jacques Derrida, *Of Grammatology* (Baltimore: Johns Hopkins Press, 1976), pp. 158-59. [versão brasileira - Gramatologia, Jacques Derrida - tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2011. pg.194]

nenhum meio de fazer de outra forma, nem nenhum direito de negligenciar esta limitação. Todas as razões deste tipo já seriam suficientes, é certo, mas as há mais radicais. O que tentamos demonstrar seguindo o fio condutor do “suplemento perigoso”, é que no que se denomina a vida real destas existências “de carne e osso”, para além do que se acredita poder circunscrever como a obra de Rousseau, e por detrás dela, nunca houve senão a escritura; nunca houve senão suplementos, significações substitutivas que só puderam surgir numa cadeia de remessas diferenciais, o “real” só sobrevivendo, só acrescentando-se ao adquirir sentido a partir de um rastro e de um apelo de suplemento etc. E assim ao infinito pois lemos, no texto, que o presente absoluto, a natureza, o que nomeiam as palavras de “mãe real”, etc., desde sempre se esquivaram, nunca existiram; que, o que abre o sentido e a linguagem é esta escritura como desapareição da presença natural.”⁶

Uma terceira característica da abordagem de Derrida é sua falta de exemplos. As obras de Moore, Frege, Russell, Austin, Ryle e Wittgenstein caracterizam-se pela abundância de exemplos, ilustrações, casos. Eles sustentam conclusões elaboradas por estes autores. Mas este não é o estilo de Derrida. Como pontua Newton Garver:

“...onde há ou pode haver um problema sobre a compreensão de um conceito abstrato, como “percepção” ou “significado”, Derrida apresenta outras abstrações, não paradigmas ou exemplos claros de uso correto ou instâncias apropriadas. O trocadilho estendido sobre (*vouloir dire* - *querer dizer*) é baseado em análise abstrata, como é o seu comentário que nunca houve qualquer percepção.”⁷

Fontes da Filosofia de Derrida

Como já indicado, o ponto de vista de Derrida foi influenciado por obras de Hegel, Husserl e Heidegger. Estes escritores tendem a ter estilos literários obscuros, difíceis, técnicos e impenetráveis. O modo de escrever de Derrida pertence a essa tradição. Mas seus pontos de vista advém de outra fonte que é igualmente influente e permitirá algum esclarecimento sobre o que ele está tentando expressar. Ele foi influenciado pelo famoso linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913). Em seu *Cours de linguistique generale* (*Curso de linguística geral*) de 1916, Saussure apresentou uma tese sobre o sentido que, na filosofia analítica, seria chamada de teoria do holismo semântico. De acordo com essa perspectiva, o sentido não reside em unidades linguísticas individuais, como palavras ou mesmo frases, mas na linguagem como um todo. Quine é um notável expoente contemporâneo do holismo semântico. Em “Two Dogmas of Empiricism”, ele escreve:

“O dogma do reducionismo sobrevive na suposição de que cada afirmação, tomada isoladamente de seus semelhantes, pode admitir confirmação ou enfermidade. Minha

6 Ibid. pg. 194-195.

7 Garver and Lee, Derrida and Wittgenstein, p. 193.

contra-sugestão, emanando essencialmente da doutrina de Carnap sobre o mundo físico no Aufbau, é que nossas declarações sobre o mundo externo enfrentem o tribunal da experiência dos sentidos não individualmente, mas apenas como um corpo corporativo.”⁸

Uma visão semelhante pode ser encontrada em Saussure, que afirma o seguinte:

“Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema. O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos.”⁹

Essas citações ilustram que, assim como Derrida, esses autores consideram “uma linguagem”, “o corpo corporativo”¹⁰ ou o “sistema linguístico” como o repositório básico de sentido. Frases, ideias, fonemas - ou seja, subunidades do corpo corporativo ou do sistema - têm sentido apenas em um âmbito parasitário ou talvez simbiótico. Eles obtêm significado na medida em que são partes de um todo maior.

Assim, de acordo com Saussure, a linguagem é um fenômeno social, um sistema estruturado que pode ser analisado tanto sincronicamente (uma vez que existe em qualquer período específico) quanto diacronicamente (uma vez que se modifica no decorrer do tempo). Ele também fez distinção entre *parole*, ou a fala do indivíduo, e *langue*, ou um idioma estruturado sistemático, como o francês, que existe em um determinado momento em uma sociedade específica. O conceito de *langue* levou a uma teoria linguística chamada “estruturalismo”. Foi essa teoria que exerceu uma enorme influência sobre Derrida. É a *langue*, ou toda a linguagem, que é o repositório final do sentido. A variação da teoria proposta por Derrida lhe confere uma interpretação mais forte: a de que o sentido não existe fora da linguagem. E se a linguagem é considerada um tipo de “texto”, então não existe sentido fora do texto. Ele infere que, portanto, não faz sentido falar de algo fora do texto.

A abordagem de Derrida ao estruturalismo o utiliza no sentido descrito acima, ao mesmo tempo em que o critica. De acordo com Saussure, há um aspecto em que as unidades linguísticas não têm sentido intrínseco, mas são “marcadas” por outras unidades linguísticas em uma espécie de oposição a elas. Para Saussure, a linguagem é um sistema de

8 W. V. Quine, “Two Dogmas of Empiricism,” in *From a Logical Point of View* (Cambridge: Harvard University Press, 1961), p. 41.

9 Ferdinand de Saussure, *Course in General Linguistics* (New York: Philosophical Library, 1959), p. 120. [versão brasileira - Curso de Linguística Geral, Ferdinand de Saussure. Organização por Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª edição. São Paulo: Cultrix, 2012. pg. 139]

10 Na versão original, o termo é “the corporate body”, que decidimos por traduzir para corpo corporativo, porém também acreditamos ser possível traduzir para “corpo corporificado”, no sentido de retratar o corpo do sistema linguístico no qual são alocados os significados atribuídos à realidade.

diferenças e não uma compilação independente de unidades significativas. Portanto, o que distingue uma estrutura linguística e dá status aos seus elementos é uma série de oposições conceituais: bem versus mal, ser versus nada, presença versus ausência, verdade versus erro, identidade versus diferença, espírito¹¹ versus matéria, homem versus mulher, alma versus corpo, vida versus morte, natureza versus cultura, fala versus escrita e assim por diante. Derrida aceita essa ideia, mas depois argumenta que essas oposições são espúrias. Ele argumenta que tais oposições conferem uma posição privilegiada ao termo primário nesses contrastes, ou seja, ao homem sobre a mulher, à alma sobre o corpo, à verdade sobre o erro e ao espírito sobre a matéria. Seu argumento principal é que sua “leitura” de textos - a chamada desconstrução deles - foi projetada para mostrar que é um erro dar predominância à primeira unidade linguística em tais contrastes.

É nesse ponto que encontramos o ceticismo radical de Derrida. Pois dizer que essas teorias de dominância são enganosas ou conceitualmente incoerentes é dizer que qualquer texto pode ser interpretado de mais de uma maneira e com vários graus de explicitação. Isso significa que não existe uma interpretação objetiva ou verdadeira de qualquer texto. Qualquer leitura deve ser permitida. A conclusão de Derrida está, portanto, no espírito do ceticismo radical de Protágoras, que afirmava que “o homem é a medida de todas as coisas”. Essa é, portanto, uma vigorosa forma de relativismo com sua rejeição de absolutos, sejam eles absolutos de entendimento, sentido ou interpretação.

Crítica a Derrida

Deixemos de lado algumas das críticas mencionadas acima: que o trabalho de Derrida não atende aos padrões aceitos de clareza e rigor, que consiste em truques e artifícios semelhantes aos dos dadaístas e que seu estilo de escrita é de difícil compreensão.

Mas há duas outras críticas, uma externa e outra interna, que devemos mencionar. Primeiro, a noção de que nada existe fora do texto parece ser uma forma linguística do que, na teoria da percepção, é chamado de “fenomenalismo”. Isso, como explicamos anteriormente, é uma perspectiva que Russell defendeu em vários momentos. A maioria dos filósofos a considera tão paradoxal ao ponto de não ser crível. Na teoria da percepção, o chamado objeto físico é apenas um amontoado de dados sensoriais reais e possíveis. Segue-se que não há mundo material em tal perspectiva - apenas impressões semelhantes e diferentes. A ideia de Derrida de que nada existe fora do texto parece ser semelhante. Mesmo que seja verdade que o sentido não existe fora ou à parte de uma linguagem, e

11 O conceito clássico filosófico *Spiritus*, *Geist*, *Esprit* é traduzido em português por Espírito com E maiusculo. Em inglês a tradução da filosofia analítica é Mind. Optamos traduzir *Mind* por Espírito por ser a tradução oficial em português.

que se possa pensar na linguagem como um tipo de texto disseminado, ainda assim parece inacreditável que não exista nada além de sentidos textuais. Certamente, as palavras e as sentenças geralmente se referem a “objetos externos”, como pessoas, lugares e coisas. A crítica, então, é que Derrida parece estar defendendo uma forma do predicamento ego-cêntrico que encontramos no cartesianismo estrito. De acordo com essa perspectiva, não podemos sair do círculo do texto, e não há realidade que exista fora dele. Assim, essa visão é rejeitada pelos realistas, que a consideram paradoxal demais para ter credibilidade.

Uma segunda crítica vem de dentro do próprio sistema de Derrida. Podemos, portanto, rotulá-la como uma crítica “interna”. De acordo com esse ponto de vista, o projeto de Derrida - decorrente de seu interesse na linguística saussuriana - é desenvolver um tipo de ciência da escrita, que ele chama de “gramatologia”. Essa ciência estudaria sistematicamente as oposições, mencionadas acima, que os sistemas linguísticos incorporam e que dão preferência a um dos termos contrastantes, como “homem” em vez de “mulher”. Mas a própria ideia de que poderia haver uma ciência como a gramatologia pressupõe a existência de um tipo de ciência ou lógica objetiva que a abordagem de Derrida deseja desafiar. Assim, Derrida se encontra na posição autodestrutiva de tentar explicar certos erros sistemáticos por meio das próprias ferramentas que incorporam (segundo ele) esses mesmos erros. Não é possível, portanto, demonstrar que a crença na verdade sobre o erro é um erro sem acreditar implicitamente na noção de verdade. Como escreveu uma crítica: “...mostrar que as oposições binárias da metafísica são ilusões é também, e talvez o mais importante, mostrar que tais ilusões não podem simplesmente ser opostas sem repetir a mesma ilusão.”¹

Essa crítica, portanto, alega que o problema de Derrida é basicamente incoerente, uma vez que deseja negar os princípios que deve assumir para que suas críticas tenham êxito.

Conclusão

Neste capítulo, tentamos descrever brevemente algumas tendências contemporâneas na filosofia, nas quais o debate sobre o status do ceticismo continua a ser travado ativamente. Todas essas visões atuais são de grande importância para todos os ramos da filosofia, pois dizem respeito à natureza da própria atividade filosófica, e os tipos de perguntas que o filósofo deve fazer. Conforme veremos, embora o assunto seja diferente, as avaliações são similares, mas não idênticas, do papel do ceticismo também surgir na filosofia da religião, teoria política e ética. Vamos voltar para esses campos agora.

1 Barbara Johnson, Jacques Derrida: Dissemination (Chicago: University of Chicago Press, 1981), p. x.
